

MODA COMO EXPRESSÃO CULTURAL: pesquisa, produção e possibilidades futuras na Bahia de Todos os Santos e encantos

Marcos Ferreira Gonçalves¹

Marco Antônio Matos Martins²

Resumo: Esta comunicação discute a presença da moda na sociedade baiana e as perspectivas futuras neste campo, utiliza como eixo condutor a análise de um projeto acadêmico focado nas interrelações entre moda e cotidiano em Salvador, e a produção de dois designers de moda baianos, apresentando as influências que os singularizam; por fim debate as possibilidades de projetos voltados para a produção de moda na Bahia, tendo o interior do Estado como *locus* privilegiado.

Palavras-chave: moda, política cultural, moda baiana.

Introdução

Em meados de 2010, a moda brasileira teve seu fôlego renovado ao ser reconhecida como vetor cultural pelo Ministério da Cultura. Requalificada pelo poder público, a moda inicia então uma nova fase no Brasil, deixa de ser apreendida apenas pela ótica do capital e adquire novo status, percebida agora, de forma mais ampla, como indissociável daqueles(as) que a usa e a atualiza, e que revelam por meio dela suas singularidades identitárias. A partir deste ato político de importância ímpar, um novo caminho começa a ser trilhado por este sistema indumentário, cujos elementos constitutivos estão intrincados com os diversos significados que marcam a sociedade que o consome e (re)produz, acompanhando o tempo e as dinâmicas sociais.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local - UNEB e Coordenador do Projeto Cinemando com Literatura na Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

² Mestre em Antropologia Histórica pela École de Hautes Etudes em Sciences Sociales – Paris, professor de Antropologia e vice-coordenador do Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade DIADORIM da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.



Este texto tem por objetivo principal mostrar como o elemento moda tem estado na pauta da sociedade baiana neste período já denominado de modernidade tardia. Para iniciar esta tarefa, discutiremos um projeto de pesquisa em História, logo um projeto acadêmico, cuja análise e objeto de estudo estão vinculados as vestimentas e a moda que marcaram a cidade de Salvador entre as décadas de 1950 e 1960. Em seguida, pretendemos, de forma resumida, analisar o trabalho de dois realizadores de moda baianos, que na última década, com visões distintas sobre o mesmo tema, desenvolveram projetos comerciais inseridos no contexto do mercado, ambos buscando, de diferentes formas, um diálogo com as identidades locais.

Nesta comunicação pretendemos ainda refletir sobre possibilidades de projetos voltados para a produção de moda na Bahia e suas interfaces, tendo nossas múltiplas identidades como suporte criativo, haja vista a questão identitária estar na pauta do dia, seja no âmbito local ou nacional, o que possibilita inúmeras realizações, tornando possível a interconexão entre as práticas acadêmicas, as políticas e a produção de moda voltada para o nosso povo e para o mercado.

Roupa de ver Deus: um projeto de pesquisa em História

O projeto em pauta, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB, tem como objetivo principal analisar as interrelações entre o cotidiano de Salvador e as indumentárias usadas na cidade entre os anos de 1958 e 1968, período que a principal *urbis* baiana vivenciava um amplo conjunto de mudanças, tanto no campo da paisagem urbana, com abertura de avenidas nos vales e edificações de arquitetura moderna, quanto no cultural, representado pela efervescência que desencadeou movimentos como o Cinema Novo e a Tropicália.

É bom salientar que a cidade vivia uma fase marcada pela dicotomia entre as aspirações de modernidade, principalmente entre a elite local, e a tradição, marca de uma identidade que singulariza o espaço e o povo soteropolitano. É deste contexto que foi retirado o nome do projeto: “Roupa de ver Deus”, expressão que identificava a melhor roupa ou ainda a roupa domingueira, desvelando a preocupação naquele período com a aparência.

No período em foco, o Brasil passava por uma fase de grande otimismo nacional, personificado, sobretudo, na figura do presidente Juscelino Kubitschek (JK), um homem sorridente, de ternos bem cortados, cabelo ao estilo gumex, um Gardel no

poder, um homem moderno. Este otimismo do presidente foi contagiante e a Bahia não ficou imune.

Para o desenvolvimento do projeto, com previsão do término pra início de 2012, as fontes usadas são escritas e imagéticas, oriundas principalmente do Jornal Diário de Notícias, cujas reportagens e textos sobre aspectos do cotidiano da cidade envolvem temas como cinema, festividades, concursos de miss, carnaval, entre outros mais.

Além das fontes escritas, as fontes imagéticas, sobretudo as fotografias ocupam lugar de destaque na pesquisa; são elas que nos possibilitam visualizar as modas e modismos do período, sejam as imagens do cotidiano e das paisagens em transformação da cidade, mas principalmente as fotografias que revelam as ditas “roupas de ver Deus”.

Produção de Moda em Salvador: dois realizadores Luciana Galeão e Marcos Bokapiu

Na última década, a produção de moda na Bahia vem registrando uma considerável dinâmica, seja no plano da quantidade de realizadores, muitas vezes chamados de estilistas ou designer de moda, ou mesmo do ponto de vista da produção de peças voltadas para o consumo interno e externo. Ainda nesta esfera, não se pode esquecer os profissionais que já estavam produzindo indumentárias em décadas anteriores, como é o caso de Goya Lopes, cujas estampas são reconhecidas como inspirada pelo que se convencionou chamar de representações da Bahia.

Nesta comunicação, sem desmerecer a produção de outros realizadores de moda na Bahia, selecionamos dois trabalhos que vem sendo arduamente desenvolvidos em Salvador na última década: o de Luciana Galeão e Marcos Bokapiu. No ano de 2010, ambos lançaram um catálogo comemorativo. Estes catálogos, embora possam vir a se constituir como fonte para uma posterior compreensão da História da Moda baiana no início do século XXI, no momento presente nos auxiliam na visualização de diversos elementos que envolvem a criação e seus fundamentos conceituais, além de outros aspectos que fazem parte da feitura da indumentária.

O catálogo de Luciana Galeão, que teve o apoio da Secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia, por si só, abstraindo a análise das roupas, já é uma obra de arte, pois traz como plano principal para revelar suas criações, a fotografia, que há muito tempo deixou de se apreendida como simples técnica, sendo reconhecida como uma forte expressão artística. Em formato quadrado, o catálogo possui uma capa preta com o símbolo do designer na cor prata reluzente, algo que se

aproxima de uma tatuagem, mas que nos remete ao imaginário do barroco colonial, revelando muito da opulência baiana, presente em todos os tempos. Abaixo do ícone, seu nome também em prata. As mais de cem páginas trazem modelos femininos usando as indumentárias de dez coleções realizadas por Galeão no período de 2000 a 2010, tidas pela autora, como escrito no prefácio, como obras atemporais.

As saias, túnicas e, sobretudo, os vestidos de Luciana Galeão, revelados pelas lentes de diversos fotógrafos, como Christian Cravo, dentre outros, fazem parte das coleções intituladas como **Matemática do Delírio; Impura Geometria; Um Jardim de Linhas; África; O olho que responde;** e **Gaudí: o arquiteto das formas impossíveis**. As peças de Galeão, realizadas com o esmero de uma artesã sofisticada, se destacam no primeiro olhar pelas formas geométricas, são mosaicos andantes e marcadamente influenciados pela arte produzida por Gaudí. Analisando estes mosaicos, Alina Amaral escreveu no texto de apresentação que “suas peças impõem-se como obras estratificadas, arte em pedaços em busca de um modo de um todo que refaça os caminhos sinuosos da forma feminina”³ e conclui adjetivando a obra da artista como um balé imagético. De fato as peças nos remetem a um bailado em forma de roupas, representando o movimento que o próprio corpo humano cria a partir do andar durante o ato de desfilar.

Nas últimas páginas, a publicação indica a interface da modista com os espaços, mostrando as criações de estamparias para sofás, poltronas e almofadas idealizados por Galeão, revelando que a moda está para além da vestimenta de corpos humanos, podendo ainda enfeitar espaços, templos do nosso viver. Nestas peças, a estilista adota a mesma linha de mosaicos presentes nos vestidos e nas outras indumentárias.

O segundo catálogo, denominado **Identidade**, traz na sua capa uma fotografia de um tecido tradicional, risca de giz, na cor preta, sobre ele pousa uma cianinha⁴ laranja metalizada, e apresenta as criações de Marcos Bokapiu nesta dezena de anos que compreende o espaço temporal de 2000 a 2010. A coleção evidenciada nas fotografias que ilustram as 24 páginas da publicação foi chamada de **Primeira Dezena**, entretanto é um mix das criações desenvolvidas ao longo destes dez anos, que, por ocasião da comemoração do decênio, foram repaginadas ou refeitas, pertencendo a coleções anteriores, intituladas, como **Morango e Chocolate, Pop-Arte, Jornadas em Estrelas**, dentre outras.

³ Catálogo Luciana Galeão, editado em 2010

⁴ Tipo de aviamento muito comum em diversas regiões do país se caracteriza por ser uma espécie de fita ondulada

Como é comum ao universo da moda, as vestimentas são mostradas pelas lentes de um fotógrafo, no caso Jorge Itaitú, que desconstrói o lugar do modelo e revela clientes usuários da moda-ideologia da marca. Eles e elas são pessoas que no tempo atual participam dos lugares praticados da cidade do Salvador, ocupando diferentes lugares sociais, como é o caso do antropólogo paulista que vive na Bahia, Edward Macrae, que tem pesquisado e contribuído para a discussão atual no Brasil em torno das substâncias psicoativas, tema que está na pauta do dia neste país. Também do “mundo” acadêmico posou a historiadora Wlamyra de Albuquerque, que teve sua obra conjunta com o historiador Valter Fraga premiada com o prêmio Jabuti em 2010. No catálogo conceitual de Marcos Bokapiu estão presentes também a atriz baiana Fernanda Beling, que se destacou nos filmes brasileiros **A Máquina**, do diretor pernambucano João Falcão, e em **Pau Brasil**, do diretor baiano Fernando Belens, e o ator Fabrício Boliveira, que além de ter atuado em folhetins globais, a exemplo de **Sinhá Moça**, participou recentemente do filme **400 contra um**, trazendo o tema do tráfico de drogas para a discussão dos problemas brasileiros na atualidade. Em suma, os “modelos” escolhidos são personagens atuantes da sociedade baiana atual.

As roupas envergadas por personalidades cidadinas mostram criações sintonizadas com as imagens deste tempo, oriundas do cinema, da literatura, da música, criando uma interface entre moda e cotidiano, seja ele baiano, brasileiro ou mesmo global, desvelando que a informação do dia-a-dia é a base da criação do designer baiano.

Outro aspecto importante do catálogo é o papel de destaque da arquitetura da cidade em cada fotografia, assim é possível visualizar detalhes das paredes externas do Teatro Castro Alves, exemplo da arquitetura moderna em Salvador, mas também os grafites espalhados pela cidade ou ainda vislumbrar o interior de moradias de alguns daqueles(as) que posaram para as fotos de Jorge Itaitú, revelando não apenas a intimidade dos não-modelos, mas também evidenciando as residências e espaços citadinos como parte inerente à moda.

Nas roupas em destaque, com características geralmente urbanas, é possível captar que existe algo de referência ao interior baiano, como é o caso da camisa **Entre o campo e a cidade**, usada nas fotografias por Fábio Machado, ou a calça **Meu Avô teve**, portada por Fabrício Boliveira, todavia são referências esporádicas no conjunto total, no qual sobressaem elementos relacionados à cidade do Salvador, que décadas atrás era titulada, por muitos, como cidade da Bahia.

A influência da pop-art de Andy Warrol, que privilegia releituras de ícones da cultura de massa e o tom artesanal na feitura das criações, são marcas importantes no trabalho de Bokapiu, estabelecendo um diálogo com o mundo global, sem renegar, todavia, as características locais. Neste sentido, é bom lembrar que os painéis de Bel Borba, sob essas mesmas aspirações e influências, são percebidos hoje como elementos indissociáveis da arquitetura paisagística da cidade.

O trabalho dos dois criadores baianos traz elementos que remetem ao entendimento de moda como arte e como expressão para além do tempo. Desta forma, distingui-se do que se convencionou chamar de modismo, tratando-se de uma moda atemporal, característica que pode conduzir a compreensão das roupas como uma esfera que extrapola o sentido de futilidade, que muitos lhe atribuem, ajudando a pensá-la como parte da identidade das pessoas, revelando outro olhar sobre o sistema de moda, que sobressai à idéia do efêmero.

A moda como elemento de transformação

Como abordamos inicialmente, a partir do momento que a moda passa, com o reconhecimento do Ministério da Cultura, a ser apreendida como vetor cultural junto à esfera política brasileira um importante passo foi dado. Na esfera baiana, este passo, ainda tímido, pode gerar outros caminhos tanto do ponto da criação de moda, estimulando o aparecimento de realizadores, como no aquecimento de um mercado consumidor local.

É bom salientar que no Estado da Bahia o diálogo sobre moda está quase que restrito a Salvador, e nesta, apenas duas iniciativas despontaram nos últimos anos como estimuladoras para o desenvolvimento da moda baiana. A primeira se refere ao concurso anual de projetos realizado pelo Shopping Barra, chamado de Novos Talentos e a segunda as reportagens e editoriais veiculadas pela Revista Muito que, com alguma constância, vem publicizando realizadores baianos de moda e suas criações; os dois estilistas apresentados anteriormente, entre outros, já tiveram seus trabalhos reconhecidos e divulgados nas edições dominicais nesse suplemento do jornal A Tarde.

Ressalte-se, contudo, que a produção de indumentárias não está restrita ao ato criativo personificado no(a) designer de moda, inúmeros outros profissionais estão envolvidos nas diversas etapas do processo, a exemplo de costureiras(os), bordadeiras(os), serigrafistas, modelistas e muitos outros artífices da estética corporal.

A falta de qualificação da mão de obra nessa fase da produção é percebida contemporaneamente como um dos maiores entraves ao crescimento do setor.

Na busca de uma estratégia de produção em moda factível de ser implementada no Estado da Bahia, é necessário evidenciar alguns indicadores. É notório, como mostram os dados estatísticos governamentais e de setores privados brasileiros, que vem ocorrendo no Brasil um crescimento significativo da classe média brasileira. Estes brasileiros(as) gozam de uma economia familiar mais digna, com reflexos diretos em suas vidas, consumos e na estima pessoal, o que em um plano mais profundo reflete também na forma que se apresentam nos espaços públicos.

Muitos dos brasileiros(as) que compõem as estatísticas mencionadas estão localizados na Bahia, sobretudo, no interior. Todavia, em observações realizadas em diversas cidades baianas e em diferentes territórios de identidades, pode-se verificar que o consumo no que diz respeito à moda encontra-se fundamentalmente restrito às lojas instaladas em suas cidades de origem ou circunvizinhas, sendo as vestimentas adquiridas manufaturadas em estados do Sul e Sudeste brasileiro, marcadamente Rio de Janeiro e São Paulo, que muitas vezes disponibilizam produtos de consumo de massa, com reduzida correlação com as identidades locais. É possível identificar ao andar nas ruas das cidades destes diferentes territórios uma imensa massa travestida de “cariocas”, sobretudo por conta da forte inserção da telenovela global e seu impacto no plano das vestimentas.

É importante salientar que a cultura da moda na contemporaneidade é criada e desenvolvida, sobretudo, por mecanismos da propaganda televisiva e impressa. No Brasil o mecanismo de copiar astros e estrelas da televisão ainda é uma realidade muito presente nas camadas populares e médias da sociedade; na falta de uma compreensão mais clara de suas identidades o caminho mais fácil é reproduzir aqueles que entram cotidianamente nos lares via a televisão, não por acaso estes indivíduos acabam criando laços de afinidade e intimidade com os “astros e estrelas” nos quais se inspiram.

Outro indicador de suma importância neste contexto refere-se ao percentual de desempregados ou ociosos juvenis no interior do Estado da Bahia, para além das estatísticas governamentais, sobretudo as policiais que apontam uma mortandade em massa da nossa juventude, é fácil identificar andando pelas ruas de cidades como Jacobina, Morro do Chapéu, Santo Amaro da Purificação, Cachoeira, Palmeiras, Seabra, Senhor do Bonfim, um enorme contingente de jovens vivendo um cotidiano ocioso, muitos já tendo ensino médio concluído, mas sem possibilidades de trabalho formal.

Um caminho seguido por muitos é o da informalidade, sobretudo em tempos da reprodutibilidade da arte, como disse Walter Benjamin. Assim os CDs e DVDs são amplamente copiados e comercializados nas praças públicas, algo que não gera nenhuma melhoria de estima, pois os indivíduos não se sentem valorizados no trabalho informal, sendo recorrente nos discursos destes jovens o sonho da carteira assinada. Outra via que se deslumbra de forma crescente é a adesão ao álcool e as drogas ilícitas, com ênfase no crack e nos efeitos deletérios de seu uso, desta forma muitos jovens, por falta de oportunidade local e sem possibilidade de migrar para a capital, onde supostamente haveria uma melhoria de suas vidas, aderem da noite para o dia às drogas. Muitos destes, como apontam as próprias estatísticas da polícia, acabam por morrer antes de atingirem a maioridade.

O que gostaríamos de propor nesta comunicação é uma discussão sobre a inserção da cultura de moda baiana em localidades do interior, que, como apontamos, consomem a moda do Sul e Sudeste brasileiro, o que vem impactando diretamente na negação de suas identidades regionais.

Nos últimos tempos e em diversos setores das artes, as identidades locais têm sido trazidas para a pauta central de discussão, gerando análise e reflexão dos seus próprios agentes, o que na prática vem implicando numa melhoria da estima pessoal, resgatando tradições esquecidas ou fortalecendo aquelas praticadas pelas próprias comunidades.

Em termos práticos, as manifestações culturais e outros aspectos da identidade baiana, como a Marujada de Jacobina, o Samba de Lata de Senhor do Bonfim, a paisagem natural de Palmeiras, o casario de Mucugê, a diversidade da flora de Morro do Chapéu, junto com os bordados e retalhos de suas artesãs, certamente poderiam ser captados como elementos para o desenvolvimento de coleções de moda de diversos realizadores baianos, fomentando o surgimento de designer de moda entre essas comunidades que viriam somar e integrar-se a esta cadeia de realizadores que, como dito anteriormente, tem se esforçado para completar outra década na produção de moda. Como disse o estilista mineiro Ronaldo Fraga, referindo-se ao proprietário da grife carioca Osklen, “a moda no Brasil não dá tempo de maturar seus novos talentos”⁵. Tal ilação proferida por um estilista com uma carreira em franca ascensão, no Brasil e no exterior, nos obriga a refletir o quanto há de ser feito na Bahia com vista à consolidação do setor.

⁵ Entrevista do estilista ao Jornal A Tarde em 10 de Abril de 2011

Focando ainda as possibilidades de implementação de projetos para o fomento do setor, a criação de cursos de capacitação profissional no interior do Estado pode possibilitar que uma imensa massa de jovens ociosos venha a ser qualificada nos mais diferentes setores da produção de moda – costura, modelagem, etc. – contribuindo significativamente para o incremento da cadeia produtiva, gerando igualmente alternativas de renda e de transformação para a juventude interiorana, em constante situação de risco em face da inserção marcante das drogas nestas localidades.

Além disto, estes cursos podem ser utilizados como uma estratégia para fortalecer e fomentar talentos que certamente existem por estes sertões baianos, mas que face ao poder avassalador da cultura de massa não encontram as condições de possibilidade para se posicionarem nos cenários locais e muito menos na capital. Com a finalidade de enfatizar o interior como seleiro de talentos artísticos, é pertinente lembrar que um dia os jovens Caetano Veloso, Gilberto Gil, Glauber Rocha, para não citar outros, foram jovens do interior, com talentos extraordinários desde a terna juventude. Estes, quando as possibilidades lhes foram oferecidas, imprimiram seus nomes na arte não apenas local, mas sim global.

Para finalização esta comunicação, mais uma vez recorreremos ao realizador mineiro Ronaldo Fraga, cujas coleções têm dialogado com as referências do interior de Minas Gerais. A partir deste universo, a produção de Fraga tem gerado desdobramento de suas coleções em outras artes e, como consequência, provocado o debate em outros setores da nossa sociedade. Sua coleção Verão - 2009 sobre o Rio São Francisco incrementou a Exposição Fotográfica Rio São Francisco Navegado por Ronaldo Fraga, desta forma o estilista criou uma interface entre moda e fotografia, provocando ainda o debate sobre a polêmica questão da transposição do rio da integração nacional. Agindo assim, o estilista inseriu a moda como elemento gerador do debate político, recuperando uma dimensão para a moda que muitos desconhecem, haja vista a mentalidade reinante que interpreta o universo fashion, de forma simplista, como adstrito apenas a coleções, modelos e futilidades.

A postura do estilista nesta coleção e suas palavras em entrevista ao Jornal A Tarde reforçam o pensamento de Mario Quintana, que afirma que as mudanças vêm das pessoas e não dos livros. Neste processo, vale apenas refletir que a moda pensada como arte pode também ser um agente transformador de mentalidades e realidades, ao contrário ficará restrita ao campo do fútil, comum a um setor onde, parafraseando o moço de Santo Amaro Caetano Veloso, para apenas o ciúme.